

# VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NOS RELATOS ESCRITOS DOS ALUNOS DO PIBID/UERN/CAWSL-ASSÚ/RN

Antonio da Silva Arruda (UERN)

[antonio\\_arruda18@hotmail.com](mailto:antonio_arruda18@hotmail.com)

Orientadora: Marta Regina de Oliveira (UERN)

[martaregina\\_20@hotmail.com](mailto:martaregina_20@hotmail.com)

## Introdução

Este artigo é resultado de relatos de experiências trabalhado com alunos da “3º série 1” realizado no ano de 2013, do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/UERN/CAWSL, no subprojeto intitulado: “Literatura na sala de aula: da formação de leitores à formação de professores”, com a instituição parceira Escola Estadual Juscelino Kubitschek (Assú/RN), a partir de uma experiência exitosa desenvolvida em oficinas.

Partindo inicialmente de que os alunos não tinham a informação do que seria trabalhado, a partir de discussões sobre a aula-passeio em que foi solicitada esta atividade extraclasse.

Em torno de um conjunto de textos dissertativos escolares, procurando assim relacionar as variações linguísticas encontradas com as reflexões sociolinguísticas seguidas por MOLLICA E BRAGA (2004), BORTONI-RICARDO (2004), COELHO (2010). Os demais críticos citados servirão de apoio teórico às considerações frente às Variações Linguísticas.

Com o objetivo de expor de forma interpretativa às mudanças encontradas nos relatos destes estudantes, assim como também em deixar claro que não existe o “erro de português”, buscando relacionar estas variantes no tocante à noção que o aluno deve mostrar conhecimento e em transformar seu vocabulário verbal para o nominal.

No que se refere à organização do artigo, ele está dividido em quatro itens. No primeiro, *O que é língua*, apresentamos a língua e o seu destaque, expondo as suas características; no segundo item, *Sociolinguística*, refletimos sobre o seu surgimento a partir da visão de alguns autores com os quais concordamos; no terceiro, *Variações Linguísticas*, apresentaremos um esboço dessas variações a partir dos estudos de COELHO (2010); no quarto, *Análise dos textos*, expomos fragmentos que dá corpo ao trabalho. Na conclusão, apontamos alguns aspectos que consideramos relevantes a partir das concepções dos autores.

## 1. O que é língua?

A língua sempre ocupou papel de destaque na sociedade; várias as tentativas em determinar o seu conceito, são vários os linguísticas alargando seu entendimento com relação ao conceito mais adequado conforme o seu conhecimento.

Há várias descrições a respeito da Língua, SAUSSURE (2002, *apud* RODRIGUES, 2008) elege seu objeto de estudo tendo como alvo a língua, que para ele é considerada como um sistema de signos formados pela união do sentido e da imagem acústica. Saussure, além de não ter excluído a fala/discurso de suas considerações acerca da linguagem, evidenciou que é por meio da fala que estão ligadas as possibilidades de mudanças na língua. Conforme afirma o linguista “(...) A língua [é] um sistema em que os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros”.

Como se pode observar, predominam-se vários os pensamentos quanto à definição do que é língua, as suas implicações quanto as suas mudanças, que isso varia de acordo com o contexto e o que se pretende estudar dentro de uma comunidade linguística.

## 2. Sociolinguística

Desde que surgiram os estudos feitos acerca da linguagem, buscou-se encontrar respostas para abranger a relação linguagem e sociedade. Sobre a existência de uma área dentro da Linguística para tratar especificamente dessas relações, tomamos como base as concepções de MOLLICA E BRAGA (2004), quanto ao seu surgimento:

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (MOLLICA E BRAGA 2004, p. 09).

Segundo ALKMIM (2001), a Sociolinguística propõe o estudo das relações entre as divisões sociais e as variedades de linguagem, que permite abordar temas como: a distinção entre variedades rurais, urbanas e de classes sociais, os estilos de linguagem (variedades formais e informais), as formas de tratamento, a linguagem de grupos segregados (jargão de estudantes, de marginais, de profissionais etc).

A Sociolinguística – também chamada de teoria da variação – surgiu no final da década de 1960 rompendo com os padrões teóricos que entendiam a língua, segundo SAUSSURE, como um sistema homogêneo, invariável. Apareceu em um congresso organizado por William Bright, onde participaram vários estudiosos, estabelecendo assim um roteiro para atividades de pesquisa que englobasse um conjunto de fatores. Segundo MATOS E SILVA (2004, *apud* NOGUEIRA, 2012):

O grande avanço da sociolinguística se funda basicamente na sua conceituação de língua como sistema intrinsecamente heterogêneo, em que se entrecruzam e são correlacionáveis fatores intra e extralinguísticos, ou seja, fatores estruturais e fatores sociais (como classe, sexo, idade, etnia, escolaridade, estilo).

Quanto ao seu objeto de estudo, são muitas as áreas de interesse da Sociolinguística, MOLLICA E BRAGA (2004) nos aponta alguns focos de interesse, entre eles o contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção da linguística, multilinguismo, variação e mudança constituem temas de investigação na área.

Em relação ao conceito de sociolinguística, percebe-se a gama de variações que a perpetua perante as concepções de inúmeros linguísticas da área, onde encontramos nas palavras de ALKMIM (2001) que nos mostra de maneira mais direta outros exemplos com relação ao seu foco de estudo:

[...] podemos dizer que o objeto de estudo da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

### 3. Variação Linguística

A língua é heterogênea, sendo assim, há diferentes variações que se processam nela, e para COELHO (2010), predominam as **Dimensões Interna e Externa da Variação Linguística**.

#### 3.3.1 Variação Linguística na Dimensão Interna

**Variações lexicais** seriam variantes do português falado de região para região, apresentando assim uma diversidade lexical, associados à variação regional ou diatópica;

**Variação fonológica** troca do fonema /l/ pelo /r/ nas palavras ‘filme’ e ‘Sílvio’, constituindo-se um caso de variação fonológica. Esse fenômeno de troca de /l/ por /r/ se chama rotacismo;

**Variação morfofonológica, morfológica e morfossintática** a variação parece atingir um morfema e depois um fonema ou um fonema e depois um morfema, ou seja, a alternância que ocorre nos morfemas;

**Variação sintática** são pronomes que se combinam com formas verbais de terceira pessoa (*você foi, a gente foi*), provocando na língua um enfraquecimento do sistema de flexões verbais, o que leva a uma tendência acentuada ao preenchimento do sujeito pronominal. Ou seja, a identificação da pessoa do discurso se dá, nesses casos, pela presença do pronome-sujeito, já que a desinência número-pessoal do verbo é zero;

**Variação e discurso** função de encadear trechos discursivos, ou seja, desempenhando o papel de conectores, tanto na fala como na escrita.

#### 3.3.2 Variação Linguística na Dimensão Externa

**Variação regional ou geográfica ou diatópica** é a variação diatópica, também conhecida por regional ou, ainda, geográfica, a responsável por podermos identificar, às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa através do modo como ela fala;

**Variação social ou diastrática**, da mesma forma que a fala pode carregar marcas de diferentes regiões, também pode refletir diferentes características sociais dos falantes. A essa propriedade dá-se o nome de variação social;

**Variação estilística ou diafásica**, um mesmo falante pode usar diferentes formas linguísticas, dependendo da situação em que se encontra. Basta pensarmos que a maneira como falamos em casa, com nossa família, não é a mesma como falamos em nosso emprego, com o chefe. O que está em jogo aí são os diferentes “papéis sociais” que as pessoas desempenham nas interações que se estabelecem em diferentes “domínios sociais”: na escola, na igreja, no trabalho, em casa, com os amigos etc. Os papéis sociais que desempenhamos vão se alterando em conformidade com as situações comunicativas (entre professor e aluno, patrão e empregado, pais e filhos, irmãos etc.);

**Variação na fala e na escrita** é um eixo um tanto diferente da variação, pois trabalha com as características de dois códigos distintos, enquanto os outros níveis da dimensão externa da variação dizem respeito a fenômenos que se manifestam no mesmo código – geralmente o da fala.

Em relação a essas variáveis linguísticas, MOLLICA E BRAGA (2004) nos chama a atenção no tocante à comunidade linguística:

Ao estudar a língua em uso numa comunidade, defrontamo-nos com a realidade da variação. Os membros da comunidade são falantes homens e mulheres de idades diferentes, pertencentes a estratos socioeconômicos distintos, desenvolvendo atividades variadas, e é natural que essas diferenças, identificadas como sociais ou externas, atuem na forma de cada um expressar-se. (MOLLICA E BRAGA 2004, P. 67)

Constituindo de tal modo, poderíamos dizer que Variações Linguísticas são as diferentes maneiras pelas quais uma língua apresenta quando é utilizada em determinado contexto.

Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações. (...) Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção. CUNHA (1975, *apud* NOGUEIRA, 2012)

#### 4. Análise dos textos

Abraçando as compreensões de COELHO (2010) e outra importante pesquisadora deste campo de estudos, BORTONI-RICARDO (2004), em seus materiais quanto às variações linguísticas na sala de aula, por se tratar de um campo muito complexo (Variação Linguística), analisaremos especificamente as variantes decorrentes da Variação social ou diastrática, onde condicionam a variação linguística que são o grau de escolaridade, o nível socioeconômico e o sexo/gênero e também a Variação e Discurso. As análises se compõem em torno de 06 relatos.

No livro intitulado “Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula” de BORTONI-RICARDO (2004), tendo à versão revisada por Marcos Bagno, nos chama a atenção para o “erro de português”, devendo assim passar a observar estes fenômenos por variação e mudança linguística.

Seguindo estas concepções, podemos observar no primeiro relato o grau de escolaridade, e por se tratar de um aluno pré-vestibulando, o seu contato com a cultura letrada e o uso da variedade padrão da língua deveria ser maior, mediante a essas exigências:

[...] Logo depois fomos ao beco do sapateiro onde vimos as pinturas dos trabalhadores que lá trabalha, após isso fomos para a praça São João Batista onde vimos o esqueleto e o cristo, uma imitação do cristo do corcovado. [...] Depois fomos à casa da baronesa na qual vimos um pouco da história da nossa cidade, e quem participou dela. (Relato 01<sup>1</sup>)

Observamos a repetição constante da palavra “fomos”, que poderia ser substituída em uma das passagens por “estivemos”, de forma que o seu texto se tornasse assim mais coerente e objetivo. Notamos também a falta de concordância nominal nas sentenças (sendo esta uma das falhas mais encontradas nos textos dos alunos), observamos o uso inadequado da concordância como se percebe na frase em destaque **as pinturas dos trabalhadores que lá trabalha**, quando a forma certa seria “as pinturas dos trabalhadores que lá trabalham”.

---

<sup>1</sup> Por se tratar de um trabalho acadêmico voltado para Variações Linguísticas a partir de relatos de alunos da 3ª série do Ensino Médio, optamos por não identificar a identidade do mesmo.

Neste mesmo relato, nos deparamos com outro indicador, o Nível Socioeconômico, quando o aluno faz referência ao nome da obra “[...] a primeira foi a ‘flor do mato’ [...]” que segundo MOLLICA (2008, *apud* COELHO, 2010) o grau de inserção no acesso a bens materiais e culturais são alguns dos indicadores sociais, pois no nome da obra o aluno usou “flor” ao invés de “Fulô”, mostrando assim a falta de conhecimento no tocante à cultura de sua cidade; vale ressaltar que esta troca de consoantes e vogais pôde ser observada em outros relatos produzidos por estes alunos.

No segundo relato analisamos mais variações que, além do Nível Socioeconômico, nos deparamos também com a falta de outro ponto:

A segunda obra foi no beco do IPI, eram quadros de fotos do Assú, como era antigamente. A terceira obra foi o esqueleto com a guitarra que se localiza na praça São João Batista, achei bem interessante. E a ultima obra foi a casa da cultura, onde vimos fotos de pessoas que foram importantes para Assú. (Relato 02)

Como pode se ver a palavra “beco” é um substantivo, mas neste contexto ela se refere a um nome próprio, ou seja, de lugar, e por se tratar dessa mudança ela passaria a ser um nome próprio sendo escrito “Beco do IPI<sup>2</sup>”, e o substantivo “praça”, pois acredita se que os alunos não tiveram conhecimento que esta palavra faz parte do nome. Em relação à falta de outro ponto relacionada à ausência da crase, quando o aluno relata “[...] E a ultima obra foi a casa da cultura, onde vimos fotos de pessoas que foram importantes para Assú”, percebemos na parte em que se encontra sublinhada.

Quanto à variação social relacionada a sexo/gênero dos informantes, encontramos ainda no mesmo relato anterior, quando a aluna comenta a respeito da sequência de visitas realizadas:

“[...] A terceira obra foi o esqueleto com a guitarra que se localiza na praça São João Batista, achei bem interessante.” (Relato 02)

Encontramos novamente o nome próprio sendo usado como substantivo, que optamos interpretar que não tiveram conhecimento que esta palavra faz parte de uma designação dada a este ponto turístico. Em relação às concepções de BORTONI-RICARDO (2004) as mulheres costumam usar mais diminutivos, como pode se notar no fragmento retirado do quarto relato:

“No beco do IPI há quadros lindos, que mostra a cidade do Assú ha tempos atrás [...]” (Relato 04)

Contudo, lendo os relatos produzidos por estes estudantes, tivemos a surpresa de perceber a reprodução da expressão “achei bem interessante” também em textos escritos por parte do sexo masculino, como pode ser observada no sexto relato quando usa a forma “achei muito interessante”:

“[...] que tem um esqueleto de ferro que eu achei muito interessante os detalhes da obra [...]” (Relato 06)

Segundo a autora BORTONI-RICARDO (2004) a linguagem dos homens é marcada pelos chamados palavrões e gírias mais chulas. No terceiro relato localizamos outras

---

<sup>2</sup> Este nome foi recentemente substituído por Beco dos Sapateiros, em homenagem aos trabalhadores que usam este espaço para trabalho.

expressões que apresentando para o formato de um texto constituído por gírias comparamos os seguintes fragmentos:

“Bom, mais tirando esse fator foi um bom passeio, e eu gostei de ter saído um pouco da escola, de ter uma aula diferente.” (Relato 03)

Baseando se no que BORTONI-RICARDO (2004) apresenta diferenças entre o repertório masculino e feminino podem se verificar também no comportamento comunicativo não-verbal, como a direção do olhar, a postura do tórax e da cabeça, os gestos, a aproximação entre os interlocutores etc., ou seja, supõe que na comunicação com relação ao seu comportamento segue esta postura de que as palavras sublinhadas em forma de gestos e a postura do tórax se classificariam em forma de gírias, até mesmo pela forma de se expressar. Conforme MOLLICA E BRAGA (2004, p. 33) “As diferenças mais evidentes entre a fala de homens e mulheres se situam no plano lexical”.

O uso da palavra “bom” adotado no início do fragmento usado pelo aluno como conectivo de ligação, vocabulário usado frequentemente na linguagem falada, sendo que se tratando de um texto discursivo não é aceitável a sua colocação. Para COELHO (2010), conectivo é:

Qualquer elemento linguístico usado para relacionar orações, períodos e mesmo parágrafos temáticos. Pode ser uma conjunção (e, mas, porque, portanto etc.), uma expressão de natureza adverbial (assim, afinal, finalmente, daí, conseqüentemente, quanto a, por outro lado etc.), marcadores discursivos (aí, então, quer dizer, digamos assim etc.), entre outros. (COELHO 2010, p. 65)

No quinto relato analisado de forma cuidadosamente, tivemos a surpresa de perceber a gama de informações que o estudante mostrava ter conhecimento a cerca das obras visitadas na cidade, mostrando também ter domínio sobre a estrutura das palavras e coesão em seu texto, como pode ser averiguada:

“[...] essa aula começou da seguinte forma, quando o nosso aplicado professor de português chegou a nossa sala e nos falou que nós iríamos ter uma aula diferenciada [...]” (Relato 05)

Não deixamos de observar a gíria mencionada pelo aluno, quando ele pronuncia a palavra “galera”, assim como também a falta de conhecimento na diferenciação na palavra “agente” para “a gente”:

“[...] ele disse que a galera do PIBID ia nos levar a pontos históricos [...]” (Relato 05)

“No decorrer dessa visita a esses pontos históricos, primeiramente agente foi visitar uma estátua feita só de pedaços de ferro [...]” (Relato 05)

No trecho retirado do aluno quando ele menciona “agente” invés de “a gente”, a primeira classifica-se como uma forma popular de se referir a primeira pessoa do plural “nós”; neste caso, as outras palavras devem seguir a concordância para o singular. Já a segunda, sem espaço entre o “a” e o “gente”, é um substantivo, uma palavra que designa uma pessoa que exerce determinada atividade, como por exemplo, agente de viagem, agente de serviço, etc., ou seja, que cuida de negócios.

Podemos constatar algumas falhas em seus textos como a presença de termos coloquiais típicos da fala, ausência de concordância nominal, coesão e coerência, dentre outros elementos.

No primeiro relato analisado pôde constatar o grau de escolaridade, a repetição constante da palavra “fomos”, que poderia ser substituída em uma das passagens por “estivemos”, de forma que o seu texto se tornasse assim mais coerente. Notamos também a falta de concordância nominal na sentença “as pinturas dos trabalhadores que lá trabalha”, quando a forma certa seria “as pinturas dos trabalhadores que lá trabalham”.

Neste mesmo relato nos deparamos com outro indicador, o Nível Socioeconômico, quando o aluno faz referência ao nome da obra “[...] a primeira foi a ‘flor do mato’ [...]”, pois no nome da obra o aluno usou “flor” ao invés de “Fulô”, mostrando assim a falta de conhecimento no tocante à cultura de sua cidade.

Tivemos a surpresa de perceber a reprodução da expressão “achei bem interessante” também em textos escritos por parte do sexo masculino. O uso da palavra “bom” adotado por uns dos alunos como conectivo de ligação, vocabulário usado frequentemente na linguagem falada, sendo que se tratando de um texto discursivo não é aceitável a sua colocação.

Pôde-se observar a gíria mencionada pelo aluno quando pronuncia a palavra “galera”, assim como também a falta de conhecimento na diferenciação na palavra “agente” para “a gente”.

## **Conclusão**

Pensando no aluno que é o principal foco da realidade educacional e recordando as palavras de Marcos Bagno, em que não se deve existir este protótipo de “erro de português”, o que predomina em um texto escrito pelos educandos tanto do Ensino Fundamental quanto do Médio é a existência de variedades e mudanças linguísticas, ou seja, diferenças e não “erros”. Sabemos que existem várias situações de fala, carecemos saber identificar o tipo de linguagem que se deve empregar em cada uma delas.

Obtivemos resultados semelhantes em alguns dos relatos, porém, apresentamos em alguns enunciados marcas linguísticas que indicam uma possível variação linguística decorrente da *Variação social ou diastrática*, que condicionam o *grau de escolaridade*, já que o *nível socioeconômico* e o *sexo/gênero* juntamente com a *Variação e Discurso* são encontrados nos textos, mas que, por outro lado deve-se ponderar.

Percebemos que essas falhas encontradas na escrita são decorrentes a falta de atenção por parte do estudante, faltando à revisão e releitura de suas produções. Aluno pré-vestibulando é exigido um grau de informações e familiaridade com as normas para uma boa produção de um texto, seja dissertativo ou descritivo, e um relato é um bom exercício para aprimorar tanto a escrita assim como também os argumentos.

A remissão as reflexões sociolinguísticas seguidas por MOLLICA E BRAGA (2004), BORTONI-RICARDO (2004), COELHO (2010) tem em vista explicar sob as Variações Linguísticas, que são várias e assim exige tempo para um trabalho mais bem organizado e aprimorado e, seguindo a linha desses autores que possuem embasamento, assim como também o que foi estudado.

Para um pesquisador iniciante os estudos dos autores possui relevância crítica, pois trazem informações que enriquecem os estudos sobre a história da Sociolinguística em seu

contexto social, que nada mais é a disciplina que estuda as possíveis relações entre as línguas. Outra vez com as palavras de Marcos Bagno, a aplicação desse novo modelo (sem “erros”) em sala de aula representa, sem dúvida, uma promessa de renovação das práticas pedagógicas de educação em língua materna.

Com isso, percebemos quão importante é trabalhar com produção textual no contexto no desenvolvimento discente. Ainda é cedo para afirmar, mas pelos relatos dos alunos, provavelmente haveria outros estudos enriquecedores que contribuíssem para o fortalecimento da pesquisa.

### **Referências bibliográficas**

ALKMIN, T. A. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v.1.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula* - Stella Maris Bortoni-Ricardo. – São Paulo: Parábola Editora, 2004 [Linguagem; 4]

COELHO, I. L. *Sociolinguística / Izete Lehmkuhl Coelho... [et al.]*. – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008.

NOGUEIRA, F. M. S. B.. *Variação Linguística e ensino de língua materna: algumas considerações*. In: III ENILL - Encontro Interdisciplinar de Língua e Literatura, 2012, Itabaiana - SE. Anais eletrônicos do III ENILL, 2012. v. 03. p. 1-8.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas. *Saussure e a definição da língua como objeto de estudos*. ReVEL. Edição especial n. 2, 2008.

SILVA, Franciele Evaristo da & ESTEVAM, Tatiane de Cássia. *Variação linguística na sala de aula: uma proposta de análise por meio de textos dissertativos / Franciele Evaristo da Silva, Tatiane de Cássia Estevam*. -- Bebedouro: Fafibe, 2009.

### **Anexos**



Escola Estadual Juscelino Kubitschek  
Aluno:  
Série: 3º ano Turma: Vespertina turma: 1  
Disciplina: Português  
Professor: Flávio Hermes

No início temos conhecer as obras cul-  
turais da nossa cidade a primeira  
foi a "Florido Mato" do autor Gilvan  
Lopes que fica quase emprestado ao Edu-  
Camdavis.

Logo depois temos no livro do spa-  
leiro onde vimos as pinturas dos tra-  
valhadores que lá trabalham, após  
isso fomos para a praça São João  
Beltrina onde vimos o ex-futebolista e o  
Cristo uma imitação do Cristo da ci-  
dade.

Depois fomos a casa da Varanosa  
na qual vimos um pouco da história  
da nossa cidade e quem participou  
dela.

Escola: Estadual Juscelino Kubitschek  
Série: 3º ano Turma: Vespertina  
Aluno:  
Professor: Flávio Hermes  
Disciplina: Português

A primeira obra foi Fulo do Mato, uma obra bas-  
tante difícil de entender, foi em homenagem ao em-  
penhido do poeta Renato Caldas, que se localiza em  
frente do "Educamdavis". A segunda obra foi no beco  
do I.P.I, era quadros de fotos do Araxi, como era  
antigamente. A terceira obra foi o esqueleto com a  
guitarra que se localiza na praça São João, além  
bem interessante, e a última obra foi a casa  
da cultura que tinha fotos de pessoas que foram  
importantes para Araxi.



Escola Estadual Juscelino Kubitschek  
Professor Flávio Hermes  
Disciplina: Português  
Aluna: \_\_\_\_\_  
Turma: Repetição Turma: 3º A

Minha Opinião

Na minha opinião a aula foi diferente, porém ver alguns pontos de Aisi. Alguns considero interessantes e outros não entendi muito alguns, eu gostei de ter ido ver como os fatos do Sítio antigo outros não entendi como a obra Fulô do Mato. Mas foi uma aula participativa, só não gostei de ter ido na casa da cultura só para ver um casarão velho achei que teria mais fotos mas cultura. Bem mais tirando esse fator foi um bom passeio e eu gostei de ter saído um pouco da escola ter uma aula diferente.

10/04/13  
Escola: Estadual Juscelino Kubitschek  
Aluna: \_\_\_\_\_  
Série: 3 Turma: A Turma: Repetição  
Disciplina: Português  
Professor: Flávio Hermes Menezes

Início meu relatório comentando das duas localizações na praça são dois um esqueleto esquisito mais muito interessante feito com peças velhas de cerâmica que se dá pra entender que com simples peças de um barro velho dá pra fazer uma obra belíssima. No lado do I.P.T. há quadras lindas que mostra a cidade do Anápolis tempos atrás que chama atenção dos alunos por eles serem feitos de pedras de cerâmica. No Educandário a um barro que é esquisito mais e muito bonito que tem o nome de Fulô do Mato Casa da Cultura onde há quadras de pessoas que já foram importantes na cidade de Anápolis, e um foto histórica por a existência de escravos.

Escola Estadual Jucelino Kubitschek

Assu, 04.04.13 ; Série: 3º ano ; Turma: 1 ; Turno: Vespertino

Disciplina: Português ; Professor: Flávio Hermes

Aluno:

### Descrição

Hoje dia quatro de abril de dois mil e treze uma quinta-feira, eu e minha turma tivemos uma aula de português diferente e essa aula começou da seguinte forma, quando o nosso aplicado professor de português chegou na nossa sala e nos falou que nós iríamos ter uma aula diferenciada, ele disse que a galera do PIBID ia nos levar a pontos históricos ou seja a lugares em que tem obras de arte antigas que muitas das vezes passamos despercebidos por essas obras de arte.

No decorrer dessa nossa visita a esses pontos históricos, primeiramente agente foi visitar uma estatua feita só de pedaços de ferro, que eu particularmente não entendi o que ela era, então eu discutindo com um amigo meu sobre o assunto, ele me disse: A Fábria, mais isso é arte abstrata você não precisa entender ela. Logo depois nós fomos a outro ponto histórico, foram ao beco do sapateiro, lá eu vi várias imagens, mais teve uma que me chamou atenção era o desenho de dois homens conversando algo, feito de vários pedacinhos de cerâmica. Quando saímos do beco do sapateiro a maioria da turma foi direto para a praça São José Batista e nem se deram conta de várias outras coisas históricas que deixamos de observar como: a escultura de uma santa na praça do sal e uma obra de arte bastante antiga que é toda feita de mármore que fica no beco da prefeitura. Então nós chegamos na praça lá eu vi várias obras de arte como: uma de um homem com um instrumento de

Escola: Escola Estadual Suselma Kubitschek  
Aluno: \_\_\_\_\_ N° 22  
Série: 3º ano s Turma: Vespertina  
Disciplina: Português  
Professora: Flávia Hermes

Com no início do passeio nos visitamos a obra de "Gilvan Lopes" que tem forma de uma cigarra que foi feita com materiais reciclados, como ferro velho e arâmes.

A segunda obra que nos visitamos foi na praça da igreja São João Batista que tem um esquete de ferro que eu achei muito interessante os detalhes da obra, e também tinha a obra de um cristo que estava no alto de uma torre que eu não consegui entender se aquilo significava mas foi bem interessante aquela obra.

O terceiro local onde nos visitamos foi as pinturas no beco do IPT como é mais conhecido, lá tem pinturas de alguns pontos turísticos como a igreja São João Batista e etc.

A quarto local onde nos visitamos foi a casa da cultura que é um local muito importante para nossa cidade porque lá permanece parte da história do Arris, onde nos vimos quadros de pessoas importantes para nossa cidade.